APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ “NOSSOS CORPOS DE TODOS OS DIAS” (PARTE 01)

João Dantas¹

Gustavo Guedes Brigante²

Francisco José Silva do Amaral Luís³

10.21665/2318-3888.v9n17p04-13

Certa vez, ou melhor, em 1929, o renomado químico francês, Dr. Charles Henry Maye, empenhou-se, sob os princípios das ciências da época, em definir qual a composição de um homem adulto. Maye propôs que o organismo humano adulto é quimicamente composto por: gordura, ferro, açúcar, fósforo, magnésio, enxofre e potássio. Se decomposto, indagava-se, qual seria seu preço? Suas conclusões foram publicadas no influente jornal *des Débates*, objetivando o que os editores entendiam ser uma “nova perspectiva”. Eis a conclusão: a gordura corporal poderia ser transformada em sabonete de quantidade variável; o ferro corporal equivaleria a um prego de espessura média; o açúcar corporal seria suficiente para adoçar até uma xícara de café; o fósforo acumulado em cada corpo individual, estimava, seria suficiente para produzir 220 palitos de fósforo; o magnésio seria suficiente para um registro fotográfico; já o enxofre e potássio, de quantidade insignificante segundo avalia, não seriam suficientes para produzir nada. Somando o preço dessas mercadorias, Maye estimou que cada corpo humano adulto valia 25 francos!

¹ Prof. Dr.; Universidade Federal de Goiás, Membro Efetivo da Associação Brasileira de Antropologia - ABA. Sócio Efetivo da Associação Portuguesa de Antropologia APA. E-mail: joaodamtas@ufg.br.

² Mestre em Ciências Sociais com concentração em Antropologia. E-mail: gustavo.brigante@hotmail.com.

³ Doutor em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Gestor de Ciência e Tecnologia na Fundação para a Ciência e a Tecnologia. E-mail: rottgoris-social@hotmail.com.

A proposição de Maye, de forma sucinta, mostra-nos como o corpo sob a racionalidade da *Épistémè* moderna é um território a ser racionalizado, experimentado até a exaustão, sob várias lógicas reproduzida. Aliás, em campos de concentração a serviço do nazismo – onde, por exemplo, como documenta Alain Resnais em “Noite e Neblina”, a gordura e cabelos dos cadáveres gerados serviam, respectivamente, para produção de mercadorias como sabonetes e tapetes), o químico oferece uma reflexão do corpo humano como matéria prima. Reduzido a uma pilha de materiais fechados em si mesmos, o organismo torna-se mero objeto, fragmentado e petrificado, de composição verticalmente integrada; torna-se uma abstração de um ser feito de blocos cumulativos articulados por ligações externas. Não só na química de Maye, a mesma categoria de abstração, embora em outros termos, é encontrada entre certos paradigmas da biologia e da medicina.

No prefácio de seu livro a respeito da ontologia na prática médica (Ocidental, cosmopolita e alopática), Annemarie Mol (2002: vii) ressalta que “essas são práticas nas quais alguma entidade é fatiada, colorida, provada, discutida, medida, contada, removida, combatida ou prevenida”. Assim, o que até então era uma entidade integralmente unívoca, torna-se um amontoado de blocos categóricos associados por relações externas; o que até então era uma criatura tecida de contínuos filamentos coesamente entrelaçados, passa a ser um autômato cujos membros não são entrelaçados, mas acoplados. Sem poder praticar qualquer movimento de torção, o acoplado corpo autômato só realiza rangidos movimentos retilíneos. É justamente esta versão de corpo-peça que mais frequentemente domina a educação nas escolas, informando as futuras gerações.

Quando o tema “corpo humano” surge em escolas, o procedimento didático de abordagem geralmente se desdobra segundo o próprio método médico-científico de inspirações cartesianas – isto é, procede por isolamento, dissecação, análise e remontagem. Todas as pessoas que já tiveram contato com manuais, livros, apostilas ou demais materiais didáticos sobre o assunto, certamente se lembram das chamativas ilustrações do corpo humano. Algumas delas o figuram em total extensão, da cabeça aos pés, especificando partes como “cabeça”, “tornozelo”, “intestino grosso”, “intestino delgado”, “encéfalo” e assim por diante. Outras, por sua vez, ilustram regiões menores e evidenciam “fatias” (ou, se preferir, categorias) que a imagem macroscópica, dada sua escala, não permitia. Assim,

por exemplo, a ilustração especificamente da anatomia do “rim” conta com uma série de distinções composta de partes como “cápsula renal”, “cálice maior”, “ureter”, “córtex renal” e assim por diante. A mesma abordagem, vale frisar, é adotada para lidar e expor os mais diversos corpos. Tão marcante quanto as ilustrações do corpo humano dissecado, há a ilustração do Sol (um corpo celeste), também dissecado em camadas e partes como “núcleo”, “zona de convecção”, “zona de radiação”, “fotosfera”, e assim por diante.

Dentre os corolários projetados por tais sistematizações, enfatizaremos dois: 1) o de que todo corpo (ou totalidade) é intrinsecamente dividido em partes *a priori*; 2) o de que todo corpo (ou totalidade) é puro substantivo. Sob esses corolários, o corpo (seja qual for) acaba se tornando mera massa estática sobre uma mesa de dissecação e à mercê de seus médicos legistas. Assim, aquilo que até então era um corpo pulsante e completamente atravessado pelos fluxos de seu ambiente, torna-se, agora, mero objeto estático. Fechado sobre si, como uma espécie de contêiner, a figura do corpo-peça-objeto atesta sua total impermeabilidade e fossilização. Além disso, ao abrir cirurgicamente o corpo e decompô-lo em camadas, nossos legistas imaginários se deparam não com um intrincado emaranhado de vísceras ensanguentadas, mas com um mosaico bem ordenado de limpas e cristalizadas categorias.

Fora da mortuária mesa de dissecação, contudo, os corpos pulsam, respiram, suam, extasiam e sangram em polirritmia - crescendo no ambiente ao passo em que o ambiente cresce neles. No mundo vivo, longe das fragmentações e reconstruções analíticas, nenhuma forma pode preceder o processo que lhe dá origem (OYAMA, 2000). Deste modo, na prática, todas as formas pretensas e indelevelmente fixadas das ilustrações didáticas mencionadas não são senão cristalizações mais ou menos efêmeras de sua história, dos caminhos traçados em sua pele. Como marca indelevelmente Ingold (2015), “humano” não é um substantivo, mas um verbo. Assim poderíamos dizer de todas as coisas, visto que tudo que há existe sob ininterruptos processos generativos e degenerativos: dos outros seres que carregamos em nosso corpo aos sóis que queimam sobre nossas cabeças.

A força que subjaz a operação de substituição da coisa em si por uma categoria forjada sobre a coisa é chamada por Ingold de “lógica de inversão”. Os processos de inversão,

conforme o autor, são aqueles “nos quais tudo que move ou cresce, brilha ou queima, ou faz barulho foi reconstruído internamente como um simulacro ou imagem do exterior” (INGOLD 2015: 41). Assim o mundo é reconstruído e simulado fragmentariamente no interior de laboratórios e salas de aula. Contudo, longe de ser exclusiva das ciências naturais, a lógica de inversão se espalha pelas ciências humanas, permeando, por exemplo, paradigmas da antropologia que lidam expressamente com assuntos relacionados ao corpo sua cognição. Assim como quando aplicado nas ciências médicas, os processos de inversão e fragmentação no âmbito da antropologia (e outras ciências humanas, como a psicologia) se referem tanto às “partes do corpo”, quanto às “modalidades cognitivas”.

Ao que se refere à fragmentação das partes do corpo, poderíamos citar Mauss, em seu célebre e influente artigo sobre o que chama de “técnicas do corpo”. Afirmando que a ferramenta mais fundamental possível é o próprio corpo, o autor observa que cada tradição desenvolve técnicas corporais próprias para cada e toda ação cotidiana, das mais rotineiras às mais esporádicas. Transmitidas educacionalmente, de cima para baixo (como um “fato social”), as técnicas do corpo permeiam do andar ao sentar, do falar ao lutar, do rir ao chorar, do comer ao dormir, do correr ao nadar, e assim por diante. “O princípio”, assevera Mauss (2005 [1938]: 420), “é este: exemplo e ordem”. Contudo, não obstante sua refinada sensibilidade para tamanha sutilidade, ao considerar que o corpo figura como uma espécie de conjunto de ferramentas delineadas a priori, Mauss constrói o mesmo corpo autômato da prática médica de inspirações cartesianas, montado a partir de partes ferramentais cumulativamente agregadas e prontas de antemão (e cujo manual de instrução também se encontra preestabelecido, inscrito nas folhas imateriais da cultura – ou, no caso das ciências naturais, nas folhas do genótipo). O esforço do autor, neste escrito, como bem se sabe, foi o de abrir vias metodológicas para que o corpo humano, em suas faculdades “biológicas, físicas e fisioquímicas”, pudesse ser apreciado no cerne das análises culturais.

Suas instigantes proposições para a análise das raízes sociais/culturais das diversas “técnicas do corpo” inspiraram largamente agendas posteriores de pesquisa - dentre elas, as que compuseram o que ficou convencionado como “antropologia dos sentidos”.

Conforme sumariza Ingold (2000: 250-252), a ideia básica sobre a qual a antropologia dos sentidos se assenta é a de que as culturas podem ser compreendidas a partir do balanço relativo de suas sensorialidades e vice versa. Contra o que ficou convencionado como “hegemonia da visão”, atrelada à modernidade e ascensão de suas ciências, a antropologia dos sentidos buscou (e busca) evidenciar que, além da “visão de mundo”, podem haver “audição de mundo”, “olfação de mundo”, “tatilidade de mundo” e assim por diante. Le Breton (2015 [2006]), dedicando cada capítulo de seu livro a uma sensorialidade específica, oferece um massivo compêndio de pesquisas neste âmbito e que cobrem as cinco vias sensoriais.

Ao considerar cada via sensorial individualmente para traçar correspondências com o mosaico simbólico da cultura em questão, contudo, a antropologia dos sentidos fatia o domínio cognitivo em cinco categorias. Assim, ao passo em que Mauss decompõe o corpo em “membros/instrumentos” preestabelecidos, a antropologia dos sentidos decompõe o domínio cognitivo em “vias sensoriais” preestabelecidas. Ambos reproduzem tanto a fragmentação ontológica operada pela prática médica à qual Mol se referiu, quanto os processos de inversão referidos por Ingold.

As mesmas fragmentações e operações de inversão também podem ser encontradas em, por exemplo, correntes da psicologia e neurologia atreladas ao paradigma cognitivista. No caso destes, segundo sumariza Couchot (2019: 31-35), a pressuposição se referia ao preestabelecimento de estruturas (ou “módulos”) neuronais universais. Para as correntes cognitivistas (ou “computacionistas”), o ambiente é constituído por uma miríade de estímulos sonoros, táteis, olfativos, gustativos e visuais que incidem nos órgãos sensoriais, onde são processados e transformados em informação nervosa a ser lida pelos módulos neurais compartimentados.

Ademais, tanto para os primeiros quanto para os segundos, o papel da cognição é fornecer representações mentais que afetam os estados do corpo. Deste modo, mais uma fragmentação se delineia; agora não mais apenas entre “vias sensórias” ou “partes do corpo”, mas entre um domínio imaterial (mental, cultural, simbólico, ativo) e um domínio material (visceral, biológico, literal, passivo). Assim, além de dividido “horizontalmente”

entre diversas partes e vias individuais, o corpo nessa perspectiva também se torna dividido “verticalmente”, entre uma superestrutura mental ativa e uma infraestrutura corporal passiva.

Retomemos brevemente a proposição de Maye: o químico, não obstante sua visão simplista do corpo e consequências políticas desastrosas, nos chama a atenção para algo que com frequência passa despercebido em estudos que entendem o corpo como mera contraparte presumidamente passiva/infraestrutural/material/natural de um domínio pressupostamente ativo/superestrutural/imaterial/cultural: o fato de que cada corpo é composto de materiais ativos em constante transformação.

“Filhos do céu”, como diriam Michel Cassé e Edgar Morin (2008), cada organismo é feito de materiais celestes; formas de vida à base de carbono. Ao mesmo tempo “indivíduo”, “espécie” e “sociedade”, cada ontogenia carrega sua filogenia (e por ela é carregada). Ao mesmo tempo Faber&Ludens, Oniricus&Economicus, Sapiens&Demens, a criatura antrópica que geralmente se convencionou por “humano” é um ser fractal, um “espaço fluido” (MOL, 2002) cujos elementos estão em perene movimento e qualquer barreira nítida entre eles mostra-se evanescente.

Nos perguntamos, assim, o que é um organismo? Quantos territórios e trilhas, atravessam e são atravessados por nossos corpos de todos os dias? De que são constituídas as linhas que compõem o reconhecimento dos nossos corpos? Quais seus tipos? Para Deleuze e Guattari (2000 [1985]), todo corpo é, efetivamente, um maço de linhas emaranhadas em constante pulsação, fuga e captura. As linhas das quais o corpo é feito e das quais falam Deleuze e Guattari não são metafóricas. Mesmo o “cérebro”, geralmente entendido como uma bolha maciça trancada no crânio (cujo formato globoso se acopla perfeitamente ao órgão que supostamente mantém cativo), é uma tecitura de filamentos que pulsam do centro para a periferia e vice versa (BERGSON, 1991 [1896]), em constante modificação anatômica (KANDEL & HAWKINGS 1992), e cujas linhas vazam, misturando-se com o entorno (INGOLD, 2011). Polirrítmicas, as linhas traçadas pelo/no corpo e ambiente se entrelaçam, misturam e revolvem, formando uma única e imperiosa matriz policêntrica de movimento: linhas de som, ar, luz, sangue, suor, neurotransmissores, proteínas... em

constante intemperismo. Tempo, tempero, temperatura e temperamento (INGOLD, 2015) em um infinito processo de tecitura que se desenrola em espiral, denotando a forma de um vórtex (JOB, 2021).

Assim, o atual dossiê é composto por contribuições que se debruçam sobre as condições e potenciais do corpo, alimentando perspectivas que reconhecem a multiplicidade de suas ininterruptas relações com os ambientes que habitam:

Em “Da Reprodução das Ostras às Heterotopias do Corpo Sexuado”, Lynna Unger e Livia Cardoso nos presenteiam com reflexões e registros acerca de uma pesquisa etnográfica realizada por elas ao longo de aulas de biologia em uma escola de Aracaju (SE), a respeito da reprodução das ostras. A partir desse contexto focal, as pesquisadoras estabelecem instigantes reflexões acerca das potencialidades heterotópicas do corpo sexuado.

Em “Horizontes para Pensar o Conceito de Corpo: Epistemologias de Nós”, os autores Mayllon Oliveira, Suely Gomes e Deyvisson Pereira partem das contribuições de autores como Foucault, Mbembe, Butler, Preciado, Deleuze e Guattari para conduzir uma refinada discussão acerca do conceito de “corpo” a partir dos distintos horizontes epistêmicos que elenca. Enfocando as multiplicidades moveidças implicadas em sua constituição, a reflexão aponta para a impossibilidade da captura categórica do corpo.

Em “Indivíduo-marca: A dor e a deliciosa dificuldade de ser o que é!”, Simone Tuzzo e Claudomilson Braga realizam uma notória e criativa extensão da ideia de simulacro à produção dos corpos, em seus gestos, desejos e imagem pública. Discorrendo sobre os jogos entre corpo e imagem, os autores estabelecem uma bem articulada discussão acerca das identidades nas sociedades de consumo do mundo contemporâneo.

Em “Velhices: a experiência do SER e suas tessituras sociais”, Adriane César relata seu contundente estudo sobre os lastros sociais que permeiam o que geralmente se entende por velhice e processos de envelhecimento. Combinando uma pesquisa empírica, substanciada por entrevistas com dezessete participantes, com uma bibliografia afinada às Ciências Sociais, a autora produz uma formidável análise sociológica da construção social da velhice.

Em “(Trans)formações juvenis: vivências e desafios nas construções de identidades trans em contextos familiares e escolares”, Pollyanna Rezende-Campos e Vanessa Cavalcanti desmistificam as identidades excluídas por não se ‘enquadrarem’ na lógica (perversa) da heterocisnormatividade, sendo esse o principal aspecto do trabalho. Partindo da (re)construção de outras perspectivas, de modo subversor aos legitimados ‘modelos privilegiados’, o escrito cujo resultado garanta que não permaneçam apagadas, silenciadas e frequentemente violentadas. A pesquisa utilizou-se de abordagem epistemológica crítica e metodologia qualitativa, o trabalho é produzido a partir das narrativas de três jovens trans de 18 a 24 anos - únicas pessoas com identidades trans numa determinada escola de porte especial do Subúrbio Ferroviário de Salvador - BA.

Em “O Corpo Negro como Abolição Inacabada”, Enedina Alves escrutina implacavelmente as raízes coloniais do sistema penal contemporâneo. Resgatando leituras sobre as condições da população negra escravizada ao longo do período colonial e escancarando a brutalidade sistemática do corpo policial, parte e parcela do aparato repressor do Estado, a pesquisadora estabelece uma corpografia a partir do caso do assassinato de Luana Barbosa dos Reis Santos, em 2016, três policiais da Companhia da força tática do 51º Batalhão de Ribeirão Preto.

Em “Festar e Aprender: Etnografia de uma Casa Noturna, na Perspectiva de Ambiente Educativo, Sexualidade, Gênero, Corpo e Diversidade” Lucas Silveira e Flavia Motta nos contemplam com os registros de uma bela etnografia que o pesquisador realizou em 2015 entre os frequentadores de uma casa noturna denominada “1007”, em Florianópolis (SC). Evidenciando as fortes relações de aprendizagens e ensinamentos mútuos que marcam a convivência de seus frequentadores, o pesquisador se debruça a respeito dos modos pelos quais essas vivências engendram um “*ethos* do 1007” e corroboram construções sobre as concepções de corpo, gênero e sexualidade entre a comunidade enfocada.

Em “Mais Respeito para Falar das Bichas: (Re)Existências na Era Digital ao Som do Coletivo Quebrada Queer”, Sandra Bastos e Nadson Silva levantam uma candente discussão acerca das intrincadas relações entre corpo e mídia no mundo contemporâneo das sociedades de consumo. Recorrendo a materiais imagéticos e musicais, assim como a

materiais obtidos através de um trabalho de campo substanciado por entrevistas com o notório coletivo “Quebrada Queer”, os pesquisadores analisam os processos de resistências relacionadas à autonomia do corpo, sua(s) identidade(s), sexualidades e gêneros no âmbito de uma sociedade marcada por, como qualificam, “engessamentos binários”.

Em “Ironia em Amar, Verbo Intransitivo-Idílio de Mário de Andrade”, João Dantas dos Anjos Neto e Bruno Montino entretecem formidáveis injunções a respeito dos papéis (políticos, estéticos, simbólicos...) da ironia implicada, dentre outros, na “intransitividade” na referida obra de Mario de Andrade. O corpo não se apresenta, pois é o agente entre o velar-se na ironia e o desvelar-se no amor. Se valendo de minuciosas leituras de “Amar, Verbo Intransitivo-Idílio”, algumas necessárias pontes com obras como “Macunaíma” e “Paulicéia Desvairada”, os pesquisadores exploram as multifacetadas linhas que se formam com a emergência e eficácia da ironia específica que habita a arte enfocada no título do artigo. Artigo último do presente dossiê e que mantém uma conexão entre este e o próximo volume (V.2). O qual se propõe a debruçar-se da seguinte questão: O que a arte e a cultura podem dizer a respeito do corpo?

Referências

BERGSON, Henri. **Matter and Memory**. Brooklin, Nova Iorque: Urzone, 1991.

CASSÉ, Michel; MORIN, Edgar. *Filhos do Céu: Entre vazio, luz e matéria*; tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008 [2003].

COUCHOT, Edmond. **A Natureza da Arte**: O que as ciências cognitivas relevam sobre o prazer estético. São Paulo: Unesp, 2019 [2012].

INGOLD, Tim. **Perception of the Environment**: Essays on livelihood, dwelling and skill. Londres, Reino Unido; Nova Iorque, Estados Unidos: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. **Being Alive**: Essays on Movement, Knowledge and Description. Londres, Reino Unido; Nova Iorque, Estados Unidos: Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. **The Life of Lines**: A World Without Objects. Londres, Reino Unido; Nova Iorque, Estados Unidos: Routledge, 2015.

JOB, Nelson. **Vórtex**: Modulações na Unidade Dinâmica. São Paulo: Edit, 2021.

KANDEL, Eric. nd R. Hawkins, David. The biological basis of learning and individuality. **Scientific American**, v. 267 n. 1: 1992, p. 53–60.

LE BRETON, David. **Antropologia dos Sentidos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016 [2006].

MAUSS, Marcel. As técnicas do Corpo [1934]. In **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOL, Annemarie. **The Body Multiple**: Ontology in medical practice. Durham e Londres, Inglaterra: Duke University Press, 2002.

OYAMA, Susan. **The Ontogeny of Information**: Developmental systems and evolution. Durham e Londres, Inglaterra: Duke University Press, 2000.